



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates, à TV portuguesa RTP**

**Lisboa-Portugal, 26 de julho de 2008**

**Jornalista:** Bem-vindos a esta emissão do “Balanço e Contas”. A Cimeira da CPLP e o investimento que Portugal se prepara para receber da Embraer – uma empresa brasileira que está entre os maiores produtores mundiais da aviação – são os dois temas que dão mote a esta emissão especial, que tem dois convidados também especiais: o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, e o primeiro-ministro português, José Sócrates. Sejam bem-vindos e obrigado pela vossa presença.

Presidente, o Brasil namora muito com a economia portuguesa, mas casa pouco. Este acordo da Embraer, considera-o uma exceção ou o arranque de um novo ciclo?

**Presidente:** Primeiro, é preciso que se saiba que já tem muitas empresas brasileiras investindo aqui em Portugal. Nós temos oito grandes empresas brasileiras com investimentos aqui: duas empresas da construção civil, Andrade Gutierrez e Odebrecht; o Banco Itaú, com a participação dos principais bancos portugueses; a maior empresa brasileira de software fazendo investimentos aqui em Portugal; e agora, a Embraer.

Eu penso que há uma consolidação, hoje, da importância que tem a relação entre Portugal e Brasil, sobretudo se levarmos em conta que Portugal foi um dos parceiros importantes para defender a criação da parceria estratégica entre União Europeia e Brasil. E é sempre bom dizer que, pela facilidade da língua, pelo fato de ser a nossa pátria-mãe, é muito mais próximo nós estarmos na Europa por Portugal.



Também porque nós estamos criando no Brasil uma consciência, junto ao empresariado brasileiro, de que eles precisam se internacionalizar e, portanto, fazer parcerias em outros países. Estamos fazendo em Portugal, e acho que é um começo extraordinário que os empresários portugueses façam no Brasil e que os empresários brasileiros façam em Portugal.

**Jornalista:** Senhor Primeiro-Ministro, a economia portuguesa está numa fase em que precisa destas notícias e de mais notícias como esta. Mas será um pouco exagerado, ou não, estabelecer um paralelismo entre este investimento da Embraer e o projeto da AutoEuropa? Apesar de tudo, estamos falando de dimensões diferentes, não é?

**Primeiro-Ministro:** Este investimento tem um significado muito especial para Portugal. Em primeiro lugar, ele significa que nós vamos entrar na aviação comercial. Nós vamos constituir, pela primeira vez na economia e na indústria portuguesa, um cluster aeronáutico. Há muito tempo perseguíamos esse objetivo, porque ter ou não clusters aeronáuticos é da maior importância para a tecnologia de um país e para a auto-estima de inovação no país. Esse cluster, no que diz respeito à engenharia e aos materiais, é absolutamente decisivo para a modernização de uma economia e para a sua afirmação no contexto da economia global. Esse é o significado principal desse investimento.

**Jornalista:** Portanto, acredita que é o princípio de um processo de outros investimentos, nomeadamente neste setor?

**Primeiro-Ministro:** Não tenho dúvidas. Esse será um investimento mobilizador de outros investimentos desta área, que em muito contribuirão para a modernização da economia portuguesa. Esse é o significado mais importante deste investimento. Mas há um outro: nós vamos entrar na aviação comercial,



na fabricação de aviões. Até aqui nós só fazíamos manutenção (inaudível), agora vamos fabricar pedaços do avião, e pode ser que o fabriquemos inteiro.

**Jornalista:** Era a sua ambição, desde (inaudível)

**Primeiro-Ministro:** Sim, essa é a ambição de qualquer país, naturalmente, e este é um começo. Mas vamos fazê-lo com uma empresa brasileira, que é uma das melhores do mundo. A Embraer é a terceira companhia mundial na área de aviação, é um dos grandes emblemas do Brasil, uma empresa altamente competitiva, de grande tecnologia, e que se firma no contexto da economia global.

Nós tivemos umas negociações, como disse, difíceis. Foi um namoro longo, dois anos, desde que fui ao Brasil, em 2006. Mas a verdade é que ao longo desses dois anos nós precisamos fazer um namoro, para termos agora um casamento com confiança mútua. A Embraer e o governo português estão muito seguros de que este é um investimento da maior importância.

Mas também, se me permite, Sérgio, eu gostaria de realçar o seguinte: este é, talvez, o primeiro momento em que Portugal e Brasil se encontram para homenagear a sua história com os olhos postos no futuro, na competitividade das duas economias, numa aventura de afirmação do espaço lusófono, em uma área tão importante como é a aviação comercial.

**Jornalista:** Presidente, de qualquer forma, tendo citado bastante investimentos que têm sido realizados por empresas brasileiras em Portugal – e muitos há também, portugueses, no Brasil, como se referiu – o fato é que esses investimentos não geraram trocas comerciais. São muito decepcionantes os níveis de comércio entre os dois países. A que atribui isso? Atendendo até ao fato de que a União Europeia se afirma como principal parceira comercial do



Brasil, e Portugal faria, aqui, o tal papel de porta de entrada de produtos brasileiros no continente europeu.

**Presidente:** É importante lembrar, também, que não é tão pouco. Nós saímos, em 10 anos, de 450 milhões para 2 bilhões e 200 milhões.

**Jornalista:** Ainda assim não entrou no top tema.

**Presidente:** É possível entrar. Para entrar, é preciso que as duas economias estejam crescendo, que os nossos importadores e exportadores descubram nichos de oportunidades para os dois países, e eu penso que as coisas estão andando.

Do ponto de vista do Brasil, o importante é que o Brasil quer, cada vez mais, diversificar os países com quem mantém relações comerciais. De outro lado, Portugal descobre que o Brasil é um país que está em franca expansão para se transformar numa economia forte. O Brasil, portanto, passa a ser cada vez mais um mercado importante para os produtos fabricados em Portugal.

Além do Brasil, tem o Mercosul. Nós queremos criar, também, uma parceria estratégica entre Europa e Mercosul. Além disso, também, em se falando de porta, se você olhar o mapa do Brasil vai perceber que o Brasil é uma grande porta para que produtos portugueses possam adentrar outros países da América do Sul.

**Jornalista:** É verdade. Mas só chegam lá bacalhau, azeite, vinho. Aliás, o retrato do Portugal moderno não chega ainda à balança comercial bilateral.

**Presidente:** Esse é um desafio que não depende apenas do Primeiro-Ministro ou de mim. Houve um tempo em que o Brasil só era exportador de minérios e de produtos agrícolas. O que está acontecendo? Na medida em que o país vai



se industrializando, vai poder oferecer aos seus pares produtos manufaturados com alto valor agregado.

**Jornalista:** Como é o caso da Embraer?

**Presidente:** Por isso é importante desenvolver a indústria tecnológica em Portugal e no Brasil. Por quê? Porque nós poderemos exportar produtos mais sofisticados.

Eu vou dar um exemplo: no Brasil, estamos hoje numa situação de crescimento econômico como há muitos anos não víamos. E sabemos que quanto mais o Brasil crescer, mais vai poder exportar produtos com alto valor agregado e também vai ter mais condições de comprar.

O que eu tenho dito para as empresas brasileiras? Na medida em que o Brasil tem superávit muito forte com um país, é preciso que as empresas brasileiras se instalem naquele país para fazer uma parte dos componentes de que elas precisam, para que a gente possa ter equilíbrio na balança comercial. Está claro, para o meu governo, que a boa relação entre dois países...

**Jornalista:** É uma relação equilibrada.

**Presidente:** Sim, é uma relação equilibrada. É como se fosse uma pista de duas mãos: você compra e vende, e há um equilíbrio. Pode ter uma vantagem a mais para um, uma vantagem a menos para outro, mas que seja uma coisa equilibrada, não pode haver uma distorção muito grande.

**Jornalista:** Este investimento da Embraer acaba por ser um filhote do sucesso econômico da economia brasileira porque é um ato de audácia, quando o petróleo está nos níveis que sabemos, e a economia europeia não atravessa propriamente uma das suas melhores fases. Isto é um ato arrojado da



Embraer, que revela uma grande autoconfiança na capacidade de sustentar esse processo de internacionalização.

**Presidente:** Eu acho que a vinda da Embraer para cá foi uma conquista extraordinária do meu amigo Sócrates.

**Jornalista:** Atribui mais os méritos a ele do que a si próprio?

**Presidente:** Muito mais a ele, porque a Embraer já está, no Brasil, com 24 mil trabalhadores. O fato de ele ter ido ao Brasil, em 2006, de ter visitado a Embraer, começado as conversações para a Embraer começar a implantar uma planta e a produzir componentes aqui, é um começo extraordinário.

**Jornalista:** E o Presidente não deu um empurrãozinho? Não foi necessário?

**Presidente:** Primeiro, eu sou não só grande amigo do Sócrates, como sou amante de Portugal.

**Jornalista:** Sua relação é mais de afeto ou é baseada na objetividade dos cargos?

**Presidente:** Acho que as duas coisas. A relação do brasileiro com Portugal não pode ser só de afeto, só comercial, nem só política. Aqui, eu estou quase no meu país, estou em casa quando estou em Portugal.

Obviamente que durante muito tempo, por problemas políticos nos dois países, por problemas econômicos, nós nos distanciamos muito. Mas hoje a quantidade de portugueses que vão ao Brasil diariamente, semanalmente, mensalmente, a quantidade de portugueses tomando banho nas praias brasileiras, eu diria até casando com as brasileiras, é tão grande...



**Jornalista:** Há alguns casos assim.

**Presidente:** Nós estamos vivendo um processo de integração. Se há 500 anos os portugueses saíram daqui numa caravela e descobriram o Brasil, levando meses de viagem, nós agora estamos chegando a Portugal com avião, ou seja, uma coisa muito mais rápida, muito mais moderna.

Eu acho que é um começo extraordinário. Quero dar os parabéns ao Sócrates pela insistência, pela persistência de trazer a Embraer para cá, e podem ficar certos de que trouxeram uma empresa excepcional.

**Jornalista:** É um bom cartão de visitas do Brasil na Europa e em Portugal.

**Primeiro-Ministro:** Você me permite?

**Jornalista:** Eu ia lhe perguntar, não sei se é o mesmo assunto... A sua visão sobre a questão comercial, porque o Portugal moderno, aquele que tem uma balança tecnológica já positiva, o que revela que não é um país só do bacalhau, do vinho, e do azeite, produtos tradicionais que, apesar de tudo, ainda dominam no nosso (inaudível) de exportações para o Brasil. Qual é a explicação que tem? No caso português, o nosso investimento ganhou escala já há dez anos, portanto, já...

**Primeiro-Ministro:** Não é assim. Em primeiro lugar, gostaria de fazer alguma justiça. O presidente Lula deu uma boa ajuda, e eu quero agradecê-lo publicamente, em meu nome e em nome do governo, pela ajuda que deu para que este investimento, que tanto significado tem para a indústria portuguesa, para o desenvolvimento português, e também para as relações entre os dois



países. É, de fato, um momento importante nessas relações comerciais e a ajuda do presidente Lula foi absolutamente inestimável.

Mas por que a Embraer? Por duas razões muito simples. Em primeiro lugar, porque a Embraer já estava aqui. A Embraer já faz a (inaudível) da empresa que se dedica à manutenção dos nossos aviões.

**Jornalista:** Que foi privatizada, não é?

**Primeiro-Ministro:** Foi privatizada. Em segundo lugar, porque a Embraer é uma das melhores companhias do mundo. Nós não escolhemos a Embraer porque queríamos uma empresa brasileira. Nós escolhemos a Embraer porque é uma das melhores companhias do mundo. Depois, também porque é brasileira, porque isso tem um outro significado. Isso quer dizer que as relações entre Portugal e o Brasil são, hoje, marcadas por uma relação entre dois países que se consideram irmãos, que partilham uma história, uma cultura que está por baixo da pele e não sairá, mas que têm os olhos postos no futuro.

**Jornalista:** E a mesma língua, que é uma coisa que também gostaria de falar, porque foi um dos temas dominantes – senão mesmo o tema dominante – durante a Cimeira.

**Primeiro-Ministro:** E a mesma língua. Mas a relação comercial entre os dois países tem evoluído muito. Eu estava aqui a olhar para os números, Sérgio.

**Jornalista:** O fluxo é muito impressionante, mas o estoque é baixo, realmente, parte de uma base...

**Primeiro-Ministro:** É verdade, é isso. Partimos de uma base muito baixa. Mas os números de crescimento são impressionantes. Este ano, por exemplo, em





termos de bens e de serviços, a evolução das exportações anda com taxas de crescimento acima dos 20%.

**Jornalista:** Certo. Há (inaudível) muita etapa aí, não é, já? Serviço que se repara.

**Primeiro-Ministro:** As coisas são absolutamente diversas. Eu fui ao Brasil passar férias, há dois anos, fui a um resort de um português...

**Jornalista:** No Nordeste?

**Primeiro-Ministro:** No Nordeste. Entrei nesse resort e eram só portugueses. Mais de 60% eram portugueses.

**Jornalista:** Queria ficar à vontade...

**Primeiro-Ministro:** Alguns deles já casados com brasileiras, alguns dos turistas lá. Mas a verdade é que o fluxo entre os dois países, que a TAP faz... A TAP é realmente a companhia que mais tem se beneficiado desse fluxo. É hoje...

**Jornalista:** Beneficiado e (inaudível) ao mesmo tempo.

**Primeiro-Ministro:** E (inaudível), porque ela fez uma oferta e uma aposta nessa relação com o Brasil (inaudível)

**Jornalista:** Que não era evidente (inaudível)

**Primeiro-Ministro:** Não era há uns anos atrás, agora...



**Jornalista:** Então, isso chama-se visão.

**Primeiro-Ministro:** Visão, exato.

**Presidente:** Há também uma coisa importante que o telespectador precisa compreender: se a economia do país não cresce e o país não exporta, ele também tem dificuldade de importar. No caso do Brasil, Sócrates, nós saímos de 118 bilhões de dólares de fluxo na balança comercial para quase 290 bilhões de dólares.

**Jornalista:** Em quantos anos, Presidente?

**Presidente:** Em cinco anos. É uma coisa excepcional.

**Jornalista:** Pode-se dizer que o Brasil aderiu, triunfando, à globalização.

**Presidente:** O problema é o seguinte: o mundo está assim, vai continuar assim, e nós precisamos nos preparar para, cada vez mais, sermos competitivos. Não existe espaço para saudosismo.

No Brasil, nós vivíamos um problema sério, que era uma divergência histórica: exporta ou fortalece o mercado interno? Fortalece o mercado interno ou exporta? Conclusão: nós estamos com o mercado interno forte, com a importação forte e estamos com a exportação forte.

**Jornalista:** Eu assisti a algumas campanhas presidenciais em que o presidente Lula, naquela altura, não foi eleito. O próprio Presidente, então candidato, estava refém dessa ambivalência, não era?



**Presidente:** Era uma coisa quase ideológica.

**Jornalista:** Isso. E levou um banho de pragmatismo e um choque com a atualidade.

**Presidente:** Não, é que você aprende. As derrotas nos ensinam muitas coisas. Hoje eu agradeço a Deus por ter perdido três eleições e ter chegado à Presidência depois de ficar 12 anos esperando e aprendendo.

**Jornalista:** Já com mais alguns brancos no cabelo.

**Presidente:** Eu não tinha cabelo branco, mas eu tinha mais experiência.

**Jornalista:** Foi ganhando...

**Presidente:** Tinha muito mais experiência.

**Jornalista:** Presidente, há uma questão que não é metafísica, embora pareça aos seus olhos que é: nós, quando olhamos para o Brasil, não temos dificuldade nenhuma em perceber qual é a importância que aquele país tem para nós. Mas nunca conseguimos perceber qual é a importância que Portugal tem para vocês. Consegue nos desfazer esta dúvida?

**Presidente:** Portugal tem muita importância para nós. Eu vou lhe contar uma história: o Brasil, até cinco anos atrás, tinha uma visão muito subordinada aos seus interesses econômicos imediatos. Nós tínhamos uma balança comercial muito forte com a Europa, sem Portugal e sem Espanha, e uma balança comercial muito forte com os Estados Unidos.



Nós, então, resolvemos diversificar essa relação comercial do Brasil. Começamos a nos voltar para a América do Sul, a fortalecer o Mercosul, a fazer um processo de integração em toda a América do Sul, a nos estender para a América Latina. Também para o continente africano, que eu acho extremamente importante, onde Portugal e Brasil podem ser irmãos e trabalhar juntos na ajuda do desenvolvimento da África e também partilhar esse crescimento.

Agora, a gente olha o mundo e não olha mais apenas para a Alemanha, que era o grande parceiro comercial do Brasil, o grande investidor.

**Jornalista:** Exato. Historicamente.

**Presidente:** A gente está olhando, concretamente, o seguinte: com quem poderemos fazer parceria estratégica, que pode fazer com que não apenas sejamos grandes exportadores, mas que possa receber empresas brasileiras para fazer negócio com o mundo europeu?

**Jornalista:** Pode assegurar aos portugueses que Portugal está nesse mapa?

**Presidente:** Portugal é, de forma extraordinária, o país que tem o melhor potencial. E volto a repetir: aí entra o valor da língua, o fato de falarmos a mesma língua.

**Jornalista:** A língua gera negócios.

**Presidente:** Chegando aqui, a Portugal, pisando no mesmo espaço europeu. É uma coisa extremamente importante. Eu estava dizendo, no começo, que os empresários brasileiros já há algum tempo começaram a descobrir Portugal, e acho que outros empresários virão investir em Portugal. Eu penso que é assim



que nós precisamos fazer para que os dois países se reencontrem séculos depois, para trabalharmos juntos em vários projetos.

**Jornalista:** Senhor Primeiro-Ministro, eu gostaria de aprofundar a questão que saiu há pouco, do cluster aeronáutico. Acredita que esse cluster tem um futuro, uma vez mais, muito semelhante àquele que construímos há 15 anos, mais ou menos, para o automóvel, quer em dimensão, quer no seu futuro?

**Primeiro-Ministro:** Sim, eu acho que tem um futuro e é absolutamente fundamental tê-lo. As economias dividem-se entre aquelas que não têm e aquelas que têm. Ter um cluster aeronáutico é hoje uma condição para a modernidade das economias, uma condição de afirmação numa das frentes tecnológicas mais inovadoras.

Quando nós lançamos a idéia do plano tecnológico era também nisso que estávamos pensando: tecnologia e inovação. O que tem esse cluster de especial é a tecnologia e a inovação que vai trazer à indústria e à economia portuguesa.

Marcelo, se me permite, eu gostaria de dizer uma coisa sobre o Brasil, que é da maior importância para que os portugueses entendam o que está acontecendo.

O mundo mudou muito nos últimos anos, e uma das coisas que mais fez mudar o mundo foi o Brasil, a afirmação do Brasil. Hoje, o Brasil não tem a ver com o Brasil de há 10 anos. O Brasil, há 10 anos, era um Brasil – se o presidente Lula me permite – que nós estávamos habituados, aqui na Europa, a classificar como um país com potencial, um país sempre com muito potencial, mas que nunca...

**Jornalista:** Com muito futuro e um presente sempre adiante, não é verdade?



**Primeiro-Ministro:** Sim, mas hoje o Brasil afirmou-se como uma potência econômica emergente , e não apenas uma potência econômica. O Brasil está ocupando o seu lugar na economia global e na questão geoestratégica.

**Jornalista:** E aspira a ser uma potência mundial.

**Primeiro-Ministro:** Aspira e é. Penso que, hoje, o Brasil está nas negociações internacionais em todos os limites. O perfil que o Brasil hoje apresenta na geoestratégia mundial, o peso do Brasil em todas as negociações mundiais, é absolutamente fundamental perceber que evoluiu e que o Brasil, hoje, desempenha um dos papéis mais relevantes como os Brics – Brasil, Rússia, China e Índia – representam. Cada vez que o Brasil sobe na escala do poder internacional, Portugal sobe também um pouco.

Foi por isso, ao reconhecer a importância estratégica para a Europa e para Portugal, o que nós propusemos, logo no início da nossa Presidência, é que a Europa fizesse uma aliança estratégica com o Brasil. Isso significa, pela primeira vez, que a Europa olha para o Brasil como especial, porque a Europa sempre teve relações com toda a América Latina, com toda a América do Sul. Mas, pela primeira vez tem uma relação especial com o Brasil, reconhecendo o papel do Brasil na economia mundial e na política mundial.

**Jornalista:** Aspira ou já é essa potência mundial?

**Presidente:** Eu penso que o Brasil tem tudo para se transformar numa potência mundial.

**Jornalista:** Portanto, aspira ainda.



**Presidente:** Uma coisa é quando você aspira e não se move, outra coisa é quando você se move para conquistar. Desde 2003, nós decidimos que era possível mudar a lógica do comércio mundial. Nós não poderíamos ficar dependendo de um Bloco ou de dois Blocos, era preciso ter uma relação mais heterogênea. Por isso, eu penso que o Brasil deu esse salto de qualidade. Nós fizemos um trabalho muito forte para estabilizar a economia brasileira. Há muito tempo nós não víamos o Brasil crescer com a inflação controlada; há muito tempo a gente não via, no Brasil, crescer o mercado externo e o interno; e há muito tempo a gente não via o povo pobre deste país comer o que está comendo agora. Isso nos coloca no padrão dos países, eu diria, à beira do desenvolvimento. É lógico que nós temos um estoque de miséria que foi plantada no Brasil ao longo de séculos e que temos que recuperar. Por isso estamos trabalhando fortemente em políticas sociais e educacionais, inovação tecnológica, porque queremos que as futuras gerações não sofram o que sofreram as duas últimas no Brasil: desemprego, ausência de educação, ausência de oportunidades. Isso, agora, nós estamos superando. Sabemos que isso não será feito de uma hora para a outra, mas os passos que estamos dando são extraordinariamente positivos para colocar o Brasil...

**Jornalista:** Estão produzindo resultados.

**Presidente:** Há muitos resultados.

**Jornalista:** Há uma questão que eu gostaria de abordar porque tem sido muito colocada na pauta, como vocês dizem, de todos os fóruns de que participa, que é a questão energética. Mas ainda antes, por causa dessa visão, dessa aposta que o governo português faz na indústria aeronáutica, pergunto, Primeiro-Ministro, se quando se fala no fim e na mudança de um paradigma energético, isso também não obriga a uma mudança no paradigma das indústrias que



estão (inaudível) no velho paradigma energético. Sobretudo em petróleo, que é o caso dos aviões, e que essa aposta possa, de certa forma, não ser controlável só para quem faz e constrói aviões. Pode haver uma questão (inaudível) que são os combustíveis e a energia que esses aviões precisam para ser transportados.

**Primeiro-Ministro:** Aconteça o que acontecer ao setor energético, vai continuar a haver aviões e indústria aeronáutica.

**Jornalista:** É verdade. A mesma coisa com os automóveis. Só que os automóveis... Entre estar num carro elétrico e num avião, eu não entrava num avião (inaudível).

**Primeiro-Ministro:** Por isso mesmo é melhor entrarmos, e o mais rapidamente possível, na indústria aeronáutica. Há pouco, quando falei do Brasil, o que se vê claramente é que a indústria e a economia brasileiras estão num processo de internacionalização. O Brasil compreende muito bem que, sendo um país continental, daqui a uns anos terá 200 milhões de habitantes, e as suas empresas têm que competir na economia global. A economia brasileira mais cedo ou mais tarde se abrirá, e é por isso que quanto mais rapidamente o Brasil tiver os seus campeões já internacionalizados, já presentes na economia global, mais garantias tem de sucesso. Mas, realmente, a palavra é essa: confiança. Eu sinto agora um Brasil de confiança, confiante em si próprio e preparado para assumir o lugar a que tem direito no mundo. Esse lugar é um lugar da maior importância, não apenas para Portugal, mas para a comunidade de países de língua portuguesa.

**Jornalista:** (inaudível) num país que transpira essa confiança?





**Primeiro-Ministro:** Com certeza. Eça de Queiroz dizia que o português...

**Jornalista:** O brasileiro é um português bem disposto e otimista.

**Primeiro-Ministro:** É um português ao sol. O brasileiro é um português ao sol. Nunca me esqueci dessa observação tão inteligente do Eça de Queiroz. Mas é justamente isso: o Brasil é um país mais confiante e mais alegre do que nós. Nós temos, porventura, mais nostalgia e somos mais desconfiados de nós próprios.

**Jornalista:** Portanto, não é conjuntural, é uma questão que está na nossa veia mesmo.

**Primeiro-Ministro:** Os portugueses estão dando o seu melhor para resolver os seus problemas. Não nos deixemos impressionar pelo que alguns dizem, principalmente na comunicação social. É verdade que há 10 milhões de portugueses todos os dias lutando para fazer um país melhor. Temos que enfrentar as dificuldades que temos pela frente e resolvê-las, porque esse é o nosso dever. Não é choramingar sobre o que nos acontece, mas resolver (inaudível) os problemas, e sairemos desses problemas mais fortes do que entramos. A verdade é que quando se participa de uma Cimeira da CPLP, como participamos, e nos lembramos da CPLP há 10 anos, temos que reconhecer que essa Comunidade está hoje muito mais forte.

**Jornalista:** Sem querer interromper, já o fazendo de qualquer forma, eu gostaria de terminar a conversa, que já caminha para o seu fim, sobre a CPLP. Há a questão energética, porque tenho que aproveitar a oportunidade de estar aqui. É evidente que vivemos uma situação de escassez de alimentos e de energia, portanto os dois problemas existem, e há quem não resista à tentação



de ligar as duas crises. Há muita gente responsável, como o próprio Banco Mundial, que inclusive responsabiliza a produção em escala de biocombustíveis por essa escassez alimentar e pelo aumento do preço de muitos alimentos (inaudível) para milhões e milhões de pessoas da população mundial. Como é que o presidente Lula, que preside um país... a aposta não é sua, porque tem 30 anos, mas manteve e desenvolve um programa de biocombustíveis, de etanol, que tem uma boa história para contar. Como é que se sente, como reage quando, de repente, apontam o dedo e dizem: “Pára com isso, porque está provocando a fome no mundo”?

**Presidente:** Quando alguém reage, eu digo o que disse na FAO: não apontem os seus dedos sujos de óleo e de carvão para o combustível limpo do Brasil. Vou lhe dizer uma coisa. O Brasil é um país que tem 64% das suas florestas naturais intocadas; 90% da sua frota de carros *flex fuel* vendida a cada ano, um combustível limpo; 80% da sua matriz de energia elétrica renovável; 46% de toda a sua energia renovável; 2% de biodiesel no óleo diesel. Portanto, o Brasil é um país que está mostrando que é possível mudar a matriz energética... Para mim, é uma coisa muito simples. Nós utilizamos hoje apenas 2% da área agricultável do Brasil para produzir cana e, desses 2% que utilizamos, em apenas 1% nós produzimos etanol. O que acontece? Quando eu pensei o programa do biodiesel como matriz energética, não pensei apenas no Brasil, que é auto-suficiente e que já tem 35 anos de domínio tecnológico. Eu pensei nos países pobres do mundo que não produzem alimentos, não têm empregos, não têm salários e não têm renda. Países como Brasil e Portugal podem ajudar a construir projetos de produção de biodiesel em países africanos.

**Jornalista:** (inaudível) na sua própria agricultura, dando emprego aos seus.



**Presidente:** Nós poderemos ajudar, tranqüilamente. O que eu acho um absurdo é que hoje o petróleo, que é uma matriz energética não-renovável e muito cara... Eu digo isso hoje muito à vontade porque o Brasil acaba de descobrir grandes reservas de petróleo e, nessa situação, está tranqüilo. Qual é o problema? O problema é que uma plataforma custa quase 2 bilhões de dólares. Tirar petróleo a 2 mil metros de profundidade custa muito caro. Uma sonda custa 500 mil dólares o aluguel/dia. Quantos países têm dinheiro ou tecnologia para fazer isso? Entretanto, o biodiesel, um africano ou um brasileiro analfabeto pode, com a mão, cavar um burquinho, plantar uma semente e depois colher o óleo. Obviamente que tem que ter um zoneamento agroecológico, demarcar corretamente cada área, para que nem se abuse da questão ambiental e nem se faça competição com os alimentos.

**Jornalista:** E é isso o que já está acontecendo...

**Presidente:** O fato concreto é que...

**Jornalista:** Mas é que o bioetanol não é todo igual.

**Presidente:** Quem disser que o aumento dos alimentos é por conta dos biocombustíveis está mentindo. Categoricamente, está mentindo.

**Jornalista:** Com exceção de...

**Presidente:** Com exceção...

**Jornalista:** Dos Estados Unidos.

**Presidente:** Com exceção do milho americano.



**Jornalista:** Vinte e cinco por cento do milho americano está sendo desviado para (inaudível)

**Presidente:** O mundo não precisa ficar dependendo do milho americano. Cada país precisa ser auto-suficiente na produção daquilo que (inaudível)

**Jornalista:** Nem se pode generalizar para todos os biocombustíveis. Aquilo que é aplicado... as críticas que se pode fazer ao modelo americano, não se aplicam ao Brasil.

**Presidente:** Há uma coisa que precisa ser compreendida. Graças a Deus, o povo pobre está comendo mais. Tem mais africanos comendo, mais brasileiros comendo... Você vai ao Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense as pessoas estão comendo mais. Tem milhões de chineses comendo mais, milhões de indianos comendo mais. Qual é o desafio para nós? Não é ficar chorando que tem escassez de alimentos, é produzir, e nós temos terras. O que acontece é que nós estamos desde 2001 consumindo o estoque. Já consumimos 175 milhões de toneladas de grãos do estoque mundial e não fizemos a reposição.

No Brasil, eu tenho dito o seguinte: contra a escassez de alimentos nós temos que dobrar a nossa produção agrícola. Fizemos um programa agora, Sócrates, no qual vamos financiar 60 mil tratores para a agricultura familiar, 300 mil implementos agrícolas e muita tecnologia para que a gente possa produzir a comida que o Brasil precisa e que outros países precisam.

Estamos convocando para novembro... eu queria até saber se o meu amigo Sócrates pode ir. Nos dias 20 e 21 de novembro vamos fazer um grande seminário internacional sobre biocombustíveis. Até você poderia ir lá. Nós queremos ouvir aqueles que são contra, queremos ouvir cientistas, governantes, ONGs. Se alguém...



**Jornalista:** Brasileiros, americanos...

**Presidente:** Quem quiser. Se alguém me provar que os biocombustíveis estão causando problemas nos alimentos, eu não serei irracional em deixar de colocar combustível no meu “tanque”, meu estômago, para encher o tanque de um carro. O problema é que eu acho que as indústrias petroleiras do mundo não querem...

**Jornalista:** Há um lobby.

**Presidente:** Não querem que se crie uma alternativa.

**Jornalista:** Acha que essa é a razão para que outro investimento que teve a sua bênção há cerca de um ano não tenha arrancado ainda, um projeto de biocombustíveis entre a Petrobras e a Galp? No fundo, estamos falando de duas petroleiras...

**Presidente:** Eu estou aguardando que esse acordo saia, não apenas para que a empresa portuguesa seja parceira da Petrobras em novos campos de petróleo, mas para que a gente possa produzir juntos, inclusive em países terceiros, o biocombustível que Portugal vai... Portugal tem a característica de um país que poderia ter *flex fuel* andando nas suas ruas.

O Inmetro brasileiro fez um estudo com um carro a álcool e um a gasolina, com a mesma potência no motor, a mesma velocidade e o mesmo percurso. Um carro a gasolina emite oito vezes e meia mais CO<sup>2</sup> do que um carro a álcool. Então, se nós quisermos discutir a questão climática, a geração de empregos e a distribuição de renda, temos que pensar.



Eu quero que Portugal seja parceiro. Sobretudo, Portugal e Brasil poderiam fazer uma experiência com algum país africano, que é um jeito concreto de ajudar a África.

**Jornalista:** Senhor Primeiro-Ministro, entretanto, a aposta fundamental de Portugal nas fontes de energia renováveis é eólica e hídrica.

**Primeiro-Ministro:** Sim, mas deixe-me dizer uma coisa sobre os biocombustíveis. Essa ligação entre biocombustíveis, e utilizando os biocombustíveis com o aumento do preço da comida no mundo é uma inverdade muito conveniente, e é muito conveniente para alguns, em particular para a indústria petrolífera. Já houve quem fizesse estudos sobre essa matéria, e a única coisa que podemos afirmar com alguma dose de realismo e de verdade é que o único biocombustível que contribuiu ou pode ter contribuído para o aumento dos preços foi justamente (inaudível). Há excessos dos americanos com o milho para biocombustível, e isso, sim, é possível que tenha influenciado o preço do milho. Em nenhum outro domínio... É apenas uma retórica sem nenhum fundamento a idéia de que os biocombustíveis contribuíram para o aumento dos alimentos.

**Jornalista:** Mantém, portanto, a aposta nos biocombustíveis.

**Primeiro-Ministro:** Nós mantemos, como mantém a Europa. A Europa, felizmente, não se deixou impressionar. Fez os seus estudos e concluiu que não há nenhuma razão para sairmos desse trilho e deixar de utilizar os biocombustíveis como instrumento poderoso de redução do CO<sup>2</sup> na atmosfera, de combate aos gases de efeito estufa e de alternativa, também, ao petróleo.



**Jornalista:** E produzir (inaudível) para salvaguardar aquilo que o presidente Lula estava dizendo, que tem que ser sustentável do ponto de vista ambiental e do ponto de vista de (inaudível)

**Primeiro-Ministro:** Todas as novas experiências que estão sendo feitas no campo dos biocombustíveis são com plantas que não são utilizadas para alimentos, e por isso a relação entre biocombustíveis e aumento no preço dos alimentos não tem a mínima justificção.

**Jornalista:** É a tal inverdade conveniente.

**Primeiro-Ministro:** Conveniente para muita gente, mas não para aqueles que gostam do meio ambiente e que gostam de procurar alternativas energéticas.

**Jornalista:** A valorização da língua, mais uma vez. Já se falou que a língua é um fator de geração de negócios porque facilita muito. O presidente Lula se sente muito em casa também, porque partilha a mesma língua. Acontece que esse Acordo Ortográfico, em Portugal, deu algum “broá” – muito mais até do que no Brasil, se acompanharmos pelo menos aquilo que a imprensa brasileira tem dado sobre esse assunto. Considera que há aqui um complexo de inferioridade da nossa parte, temente que os tais 200 milhões que o impressionam e que a muitos assusta são brasileiros, em um português falado em Portugal?

**Primeiro-Ministro:** Pelo amor de Deus. Isso seria reconhecer que Portugal tem um complexo de inferioridade que se manifesta por uma necessidade de afirmação. Nós não temos nenhum complexo com isso. Ao contrário, nós gostamos de ver o Brasil bem-sucedido com 200 milhões, e o Acordo



Ortográfico que fazemos com o Brasil e com os outros países é de enorme importância para o Português e para nós, portugueses.

**Jornalista:** (inaudível)

**Primeiro-Ministro:** (inaudível). Se nós nos entendermos quanto ao léxico técnico e científico, isso será de grande benefício para todos os países. Se nós tivermos um acordo ortográfico que permita maior comercialização de manuais escolares, de livros, isso será benéfico para o Português. Mas principalmente, eu vejo o Acordo Ortográfico como um instrumento de potenciação da língua, de afirmação de um espaço lingüístico comum. Isso é de enorme importância para todos nós.

**Jornalista:** Não é um ato político. Há fundamentos.

**Primeiro-Ministro:** Claro. Em todos os acordos sobre a língua, (inaudível) em Portugal. Eu acho isso absolutamente natural. A mim também me custa escrever como o Acordo diz que devemos, e não escreverei, mas os meus filhos escreverão como o Acordo diz. Fernando Pessoa disse o mesmo sobre o “y”: “Quem tirar o “y”, tira parte da língua portuguesa”. Hoje não temos o “y”. Portanto, não vejamos essa polêmica como se viesse aí alguma desgraça. Vejamos isso como um instrumento. Angola anunciou nesta CPLP que vai retificar o Acordo, que é sua prioridade parlamentar depois das eleições, e isso é uma boa notícia. O que temos que fazer é, rapidamente, pôr o Acordo em marcha, pô-lo (inaudível), porque será benéfico para o Português.

**Jornalista:** Presidente Lula, não lhe pergunto se acha que o Acordo é necessário porque já respondeu a esta pergunta. Mas pergunto se ele era





necessário porque havia um pouco a sensação de que somos países irmãos separados pela mesma língua.

**Presidente:** Deixe-me dizer uma coisa, muito sinceramente. Nós estamos preparando o Português do futuro. Nós estamos nos irmanando mais, exatamente para os meus netos, para os meus bisnetos, para os netos dos portugueses. Isso é extremamente importante. As divergências são resultado da democracia que nós vivenciamos todos os dias e não temos que nos preocupar. O importante é colocar o Acordo em vigor o mais rápido possível para que todos nós possamos nos adequar a ele.

**Jornalista:** Ele não foi tão polêmico lá no Brasil?

**Presidente:** Não foi tão polêmico no Brasil.

**Jornalista:** Salvo erro, eu li, no início desta semana, que o seu ministro da Educação afirmou que o Acordo Ortográfico estaria implementado no Brasil até 2011. Eu pergunto: se assim for, o senhor vai assistir a esse momento no Palácio do Planalto?

**Presidente:** Eu não sei. Nós vamos ter que decidir como fazer. Mas que nós vamos cumprir o Acordo, nós vamos. Vamos implantá-lo porque achamos que é extremamente necessário.

**Jornalista:** Em 2011? O senhor vai estar no Planalto...

**Presidente:** Eu não estarei no Planalto, querido. Eu sairei do Planalto no dia 31 de dezembro de 2010.



**Jornalista:** Portanto, descarta qualquer...

**Presidente:** Mas eu espero que o presidente eleito seja meu amigo e me convide para qualquer solenidade que tiver para implantar o Acordo.

**Jornalista:** O presidente brasileiro eleito, à época.

**Presidente:** Sim.

**Jornalista:** Gostaria que também estivesse presente o engenheiro José Sócrates, enquanto primeiro-ministro português?

**Presidente:** Imensamente.

**Jornalista:** Isso quer dizer que gostaria que ele fosse reeleito em 2009?

**Presidente:** Eu gostaria.

**Primeiro-Ministro:** Isso, infelizmente, não (inaudível). O presidente Lula não vota aqui, nas eleições, mas quero agradecer toda a gentileza que teve comigo em ter aceito ficar, depois da Cimeira da CPLP, para participar desta cerimônia de apresentação do investimento da Embraer, e dizer que é sempre um gosto recebê-lo aqui em Portugal. E não é apenas o sentimento do seu amigo Sócrates, mas o sentimento de todos os portugueses.

**Presidente:** Eu queria dizer uma coisa muito importante. Esses dias eu fiz uma viagem ao Vietnã, à Indonésia. A cada viagem que fazemos, descobrimos quanto tempo perdemos por não ter feito aquela viagem antes. Em cada viagem se descobre uma coisa nova, uma possibilidade nova. Por que eu estou



dizendo isso? Porque não há espaço para que ninguém desanime neste momento. “Tem possibilidade de uma crise econômica na Europa por causa da crise do *subprime* americano”. As pessoas já começam a ficar preocupadas. Não há espaço para que nenhum português ou brasileiro fique desanimado neste momento. Até porque o mundo será...

**Jornalista:** (inaudível) o americano.

**Presidente:** O mundo será... O americano tem um problema grave, que são as eleições e, portanto, não tiveram coragem de tomar as medidas no momento certo.

**Jornalista:** E tem a economia (inaudível), que o Presidente...

**Presidente:** Precisariam ter tomado as medidas certas, que não tomaram. No nosso caso, temos tudo para fazer as coisas acontecerem. Eu me levanto todos os dias vendo os jornais e não tenho espaço para desanimar porque o Brasil será, no dia seguinte, aquilo que nós quisermos que ele seja. Portanto, eu acho que nós temos uma chance extraordinária, o mundo está vivendo um processo de rearranjo na área econômica. As teorias não deram certo. Posso dizer que no Brasil quebramos vários tabus que pareciam definitivos e que não são mais.

**Jornalista:** O senhor convida Portugal a partilhar do sucesso que o Brasil...

**Presidente:** Eu quero convidar Portugal para ser parceiro do sucesso do Brasil e quero convidar o primeiro-ministro Sócrates para fazer uma visita...



**Jornalista:** Em novembro, está marcado. Muito obrigado a ambos pela presença.

(\$31DHJMQ)